



Sobre as mulheres⁽¹⁾

Denis Diderot

Tradução de J. GUINSBURG

Eu amo Thomas⁽²⁾; respeito a altivez de sua alma e a nobreza de seu caráter: é um homem de muito espírito; é um homem de bem; não é pois um homem comum. A julgar por sua *Dissertação sobre as mulheres*, ele não experimentou suficientemente uma paixão que eu tomo muito mais pelas penas de que nos consola do que pelos prazeres que nos proporciona. Ele pensou muito, porém não sentiu bastante. Sua cabeça se atormentou, mas o coração permaneceu tranqüilo. Eu teria escrito com menos imparcialidade e sabedoria; mas eu me teria ocupado com mais interesse e calor do único ser da natureza que nos dá sentimento por sentimento, e que é feliz com a ventura que nos faz. Cinco ou seis páginas de verve espalhadas por seu trabalho romperiam a continuidade de suas observações delicadas e convertê-lo-iam numa obra encantadora. Mas ele quis que seu livro não fosse de nenhum sexo; e infelizmente conseguiu isto bem demais. É um hermafrodita, que não tem nem o nervo do homem, nem a brandura da mulher. Entretanto, poucos de nossos escritores atuais seriam capazes de um trabalho onde se observam erudição, razão, finura, estilo e harmonia; mas não variedade suficiente, essa flexibilidade capaz de prestar-se à infinita diversidade de um ser extremo na sua força e na sua fraqueza, que à vista de um sorriso ou de uma aranha faz cair em síncope, e que sabe às vezes afrontar os maiores terrores da vida. É sobretudo na paixão do amor, nos acessos do ciúme, nos arrebatamentos da ternura maternal, nos instantes da superstição, na maneira como partilham das emoções epidêmicas e populares, que as mulheres espantam, belas como os serafins de Klopstock, terríveis como os diabos de Milton. Vi o amor, o ciúme, a superstição, a cólera, levados nas mulheres a um ponto que o homem nunca experimenta. O contraste dos movimentos violentos com a doçura de seus traços as torna hediondas; são com isso mais desfiguradas. As distrações de uma vida ocupada e contenciosa rompem nossas paixões. A mulher choca as suas: é um ponto fixo, sobre o qual a sua ociosidade ou a frivolidade de suas funções mantém o olhar incessantemente pregado. Esse ponto se estende desmesuradamente; e, para tornar-se louca, faltaria à mulher apaixonada apenas a inteira solidão que ela procura. A submissão a um senhor que lhe desapriza é para ela um suplício. Vi uma mulher honesta tremer de horror à aproximação do esposo; vi-a mergulhar no banho, e não se julgar jamais suficientemente lavada da mácula do dever. Tal espécie de repugnância nos é quase desconhecida. Nosso órgão é mais indulgente. Muitas mulheres morrem sem haver experimentado o extremo da voluptuosidade. Esta sensação, que eu consideraria de bom grado como uma epilepsia passageira, é rara para elas, e não deixa nunca de vir quando nós a chamamos. A suprema felicidade lhes foge entre os braços do homem que adoram. Nós a encontramos ao lado de uma mulher complacente que nos desagrada. Menos senhoras de seus sentidos do que nós, a recompensa destes é para elas menos rápida e menos segura. Centenas de vezes sua expectativa é enganada. Organizadas bem ao contrário a nós, o móvel que solicita nelas a voluptuosidade é tão delicado, e a sua fonte fica tão afastada, que não é extraordinário que ela não venha ou se extravie. Se ouvis uma mulher dizer mal do amor, e um homem de letras depreciar a consideração pública, falai de uma que seus encantos passam e, de outro, que seu talento se perde. Nunca um homem sentou-se, em Delfo, sobre o sagrado tripé. O papel de Pítia convém apenas à mulher. Só uma cabeça de mulher pode exaltar-se a ponto de pressentir seriamente a aproximação de um

1 Este texto de Diderot apareceu como resenha crítica do livro de Thomas, na *Correspondence* de Grimm.

2 Autor de muitos *Eloges*, Antoine-Léonard Thomas (1732-1785) foi membro da Academia Francesa.

deus, de agitar-se, de descabelar-se, de espumar, de gritar: "Eu o sinto, eu sinto, ei-lo, o deus", e de encontrar o seu verdadeiro discurso. Um solitário³, ardendo em suas idéias assim como em suas expressões, dizia aos heresiarcas de seu tempo: "Dirigi-vos às mulheres; elas recebem prontamente, porque são ignorantes; elas espalham com facilidade, porque são levianas; elas têm por muito tempo, porque são teimosas". Impenetráveis na dissimulação, cruéis na vingança, constantes nos projetos, sem escrúpulos sobre os meios de vencer, animadas de um ódio profundo e secreto contra o despotismo do homem, parece que há entre elas uma conjura fácil de dominar, uma espécie de liga, tal como a que subsiste entre os sacerdotes de todas as nações. Elas conhecem seus artigos sem tê-los comunicado umas às outras. Naturalmente curiosas, querem saber, seja para usar, seja para abusar, de tudo. Nos tempos de revolução, a curiosidade as prostitui aos chefes de partido. Aquele que as adivinha é seu inimigo implacável. Se as amais, elas vos perderão, elas se perderão a si mesmas; se cruzais seus intentos ambiciosos, elas têm no fundo do coração o que o poeta colocou na boca de Roxane:

*Apesar de todo meu amor, se neste dia
Ele não me prender a si por um justo himeneu;
Se ousar me alegar uma lei odiosa;
Quando faço tudo por ele, se ele não faz tudo por mim;
Deste tal momento, sem pensar se eu o amo,
Sem consultar enfim se eu mesma me perco,
Abandono o ingrato, e o deixo voltar
Ao estado infeliz de onde soube tirá-lo.*

Racine, *Bajazet*, ato I, cena III.

Todas merecem ouvir o que um outro poeta, menos elegante, dirige a uma dentre elas:

*Foi assim que, sempre presa de seus delírios,
Vossas semelhantes souberam sustentar seu império,
Vós não amaste jamais, vosso coração insolente
Tende bem menos ao amor do que a subjugar o amante.
Que vos façam reinar e tudo vos parecerá justo;
Mas desprezarfeis o amante mais augusto,
Se não sacrificasse ao poder de vossos olhos
Sua honra, seu dever, a justiça e os deuses.*

Elas simularão a embriaguez da paixão, se tiverem grande interesse em vos enganar; experimentarão, sem se esquecer de si. O momento em que estiverem inteiramente entregues a seu projeto será por vezes o momento mesmo de seu abandono. Elas se iludem melhor do que nós sobre o que lhes apraz. O orgulho é mais o vício delas do que o nosso. Uma jovem samoieda dançava nua, com um punhal na mão. Parecia golpear-se com ele; mas esquivava-se aos golpes que ela mesma se desfechava com uma presteza tão singular, que persuadira seus compatriotas que era um deus que a tornava invulnerável; e ei-la pessoa sagrada. Alguns viajantes europeus assistiram a essa dança religiosa; e, embora plenamente convencidos de que a mulher não passava de um saltimbanco muito destro, ela enganou seus olhos com a celeridade de seus movimentos. No dia seguinte, suplicaram-lhe que dançasse ainda uma vez. "Não, disse-lhes, não dançarei, o deus não quer; e eu iria ferir-me." Insistiram. Os habitantes do país uniram seus votos aos dos europeus. Ela dançou. Foi desmascarada. Ela se apercebeu do fato; e imediatamente ei-la estendida por terra, o punhal com que se armara mergulhado nos seus intestinos. "Eu bem que previra, dizia aos que a socorriam, que o deus não queria, e que eu me feriria." O que me surpreende não é que ela tenha preferido a morte à vergonha, mas que se deixasse curar. E em nossos dias, não vimos uma dessas mulheres que representavam no suplício a infância da Igreja, com os pés e as mãos pregadas numa cruz, o flanco trespassado por uma lança, guardar o tom de seu papel em meio das convulsões da dor, sob o suor frio que escorria de seus membros, com os olhos obscurecidos pelo véu da morte⁴ e, dirigindo-se ao diretor desse bando de fanáticos, dizer-lhe, não com voz sofredora: "Meu pai, quero dormir", mas com uma voz infantil: "Papai, eu quero fazer naninha"? Para um homem, há cem mulheres capazes desta força e desta presença de espírito. Essa mesma mulher, ou uma de suas companheiras, dizia ao jovem Dudoyer, que ela mirava ternamente, enquanto uma tenaz lhe arrancava os pregos que lhe atravessavam os dois pés: "O deus a quem devemos o dom dos prodígios nem sempre nos concedeu o da santidade". A sra. de Staal é posta na Bastilha com a duquesa de Maine, sua amante; a primeira percebe que a sra. de

3 São Jerônimo
4 As convulsionárias de Saint Medard



Denis Diderot; retrato de
Bernard Naudin

Maine confessou tudo. Imediatamente chora, rola por terra, brada: "Ah! minha pobre amante ficou louca!" Não esperai nada de semelhante de um homem. A mulher traz dentro de si mesma um órgão suscetível de espasmos terríveis, que dispõe dela, e que suscita em sua imaginação fantasmas de toda espécie. É no delírio histérico que ela volta atrás ao passado, que ela se lança para o futuro, que todos os tempos lhe são presentes. É do órgão próprio a seu sexo que partem todas as suas idéias extraordinárias. A mulher, histérica na mocidade, faz-se devota na idade avançada; a mulher a quem resta alguma energia na idade avançada era histérica na juventude. Sua cabeça fala ainda a linguagem de seus sentidos quando estes se acham mudos. Nada é mais contíguo que o êxtase, a visão, a profecia, a revelação, a poesia fogosa e o histerismo. Quando a prussiana Karsch ergue o olhar para o céu inflamado de relâmpagos, ela vê Deus na nuvem; ela o vê sacudir com uma fraída de sua veste preta raios que vão procurar a cabeça do ímpio; ela vê a cabeça do ímpio. Entretanto, a reclusa em sua cela sente elevar-se nos ares; sua alma se espalha no seio da Divindade; sua essência se mistura à essência divina; ela agoniza; seu peito se ergue e se abaixa com rapidez; seus companheiros, reunidos em torno dela, cortam os laços de seu vestuário que a aperta. A noite vem; ela ouve os coros celestes; sua voz se une a seus concertos. Em seguida ela volta a descer à terra; ela fala de alegrias inefáveis; escutam-na; ela está convencida; persuadida. A mulher dominada pelo histerismo experimenta não sei o que de infernal ou de celeste. Às vezes, ela me faz estremecer. É no furor da besta feroz que faz parte dela mesma, que eu a vi, que eu a ouvi. Como ela sentia, como se exprimia! O que ela dizia não era coisa de mortal. A sra. Guyon⁽⁵⁾ tem, em seu livro das *Torrentes*, linhas de uma eloquência de que não há modelos. Foi Santa Tereza quem disse dos demônios: *Como são infelizes!, eles não amam!* O quietismo é a hipocrisia do homem perverso, e a verdadeira religião da mulher terna. Houve entretanto um homem de uma honestidade de caráter e de uma simplicidade de costumes tão raras, que uma mulher amável pôde, sem conseqüências, esquecer-se ao seu lado e desafogar-se em Deus; mas esse homem era único; ele chamava-se Fénelon. É uma mulher que passeava nas ruas de Alexandria, com os pés nus, a cabeça desgrenhada, uma tocha numa das mãos, um gômil na outra, e que dizia: "Quero queimar o céu com esta tocha, e extinguir o inferno com esta água, a fim de que o homem não ame seu Deus senão por ele mesmo". Este papel só assenta a uma mulher. Mas essa imaginação fogosa, esse espírito que se julgaria incoercível, basta uma palavra para abatê-lo. Um médico diz às mulheres de Bordeaux, atormentadas por vapores pavorosos, que elas estão ameaçadas de epilepsia; e elas curadas. Um médico brande um ferro candente diante dos olhos de um bando de jovens epilêpticas; e elas curadas. Os magistrados de Mileto declararam que a primeira mulher a se matar será exposta nua na praça pública; e eis as milesianas reconciliadas com a vida. As mulheres estão sujeitas a uma ferocidade epidêmica. O exemplo de uma só arrasta uma multidão. Só a primeira é criminosa; as outras são doentes. Ó, mulheres, sois crianças bem extraordinárias! Com um pouco de dor e de sensibilidade (eh, sr. Thomas, por que não vos abandonais a estas duas qualidades, que não vos são estranhas?) que enternecimento não nos teríeis inspirado, mostrando-nos as mulheres submetidas como nós às enfermidades da infância, mais coagidas e mais negligenciadas em sua educação, abandonadas aos mesmos caprichos da sorte, com uma alma mais móvel, com órgãos mais delicados e sem nada dessa firmeza natural ou adquirida que nos prepara para isso; reduzidas ao silêncio na idade adulta, sujeitas a um mal-estar que as dispõe a tornarem-se esposas e mães: então tristes, inquietas, melancólicas, ao lado dos pais alarmados, não só com a saúde e a vida da filha, mas ainda com seu caráter: pois é nesse instante crítico que uma jovem se torna o que ela continuará sendo toda a sua vida, penetrante ou estúpida, triste ou alegre, séria ou leviana, boa ou má, a esperança de sua mãe realizada ou enganada. Durante uma longa série de anos, cada lua trar-lhe-á de volta o mesmo mal-estar. O momento que as libertará do despotismo dos pais é chegado; sua imaginação abre-se para um futuro cheio de quimeras; seu coração nada em secreta alegria. Alegra-te bastante, desventurada criatura; o tempo teria sem cessar enfraquecido a tirania que deixas; o tempo aumentará sem cessar a tirania pela qual vais passar. Escolhem-lhe um esposo. Ela se torna mãe. O estado de gravidez é penoso para quase todas as mulheres. É em meio de dores, com perigo de sua vida, às custas de seus encantos, e amiúde em detrimento de sua saúde, que elas dão à luz os filhos. O primeiro domicílio da criança e os dois reservatórios de sua comida, os órgãos que caracterizam o sexo, estão expostos a duas moléstias incuráveis. Não há talvez alegria comparável à da mãe que vê seu primogênito; mas esse momento terá um preço bem caro. O pai descarrega o cuidado com os meninos sobre um mercenário; a mãe fica encarregada da guarda de suas filhas. A idade avança; a beleza passa; chegam os anos do abandono, do mau humor e do tédio. É pelo mal-estar que a natureza as dispõe a tornarem-se mães; é por uma longa e perigosa doença que ela lhes subtrai o poder de sê-lo. O que é então uma mulher? Negligenciada pelo esposo, desamparada pelos filhos, ninguém na sociedade, a devoção constitui seu único e derrai-

deiro recurso. Em quase todos os países, a crueldade das leis civis reuniu-se, contra as mulheres, à crueldade da natureza. Elas foram tratadas como crianças imbecis. Não há espécie de vexames que, nos povos policiados, o homem não possa exercer impunemente contra a mulher. A única represália que depende dela é seguida da perturbação doméstica, e punida com um menos-prezo mais ou menos acentuado, conforme a nação tenha mais ou menos hábitos de sociedade. Não há espécie de vexames que o selvagem não exerça contra sua mulher. A mulher, infeliz nas cidades, é mais infeliz ainda no fundo das florestas. Escutai o discurso de uma Índia das margens do Orenoco; e escutai-o, se o podeis, sem ficar emocionado. O missionário jesuíta Gumilla repreendia-a por haver dado a morte a uma filha que ela concebera, cortando-lhe o umbigo muito curto: "Prouvesse a Deus, padre, disse-lhe ela, prouvesse a Deus que no momento em que minha mãe me pôs no mundo, ela tivesse tido bastante compaixão e amor para poupar à sua criança tudo o que suportei e tudo o que suportarei até o fim de meus dias! Se minha mãe me houvesse sufocado ao nascer, eu estaria morta; mas não teria sentido a morte, e teria escapado à mais infeliz das condições. Quanto sofri!, e quem sabe quanto me resta a sofrer até que eu morra? Imagina só, padre, as penas que estão reservadas a uma Índia entre esses Índios. Eles nos acompanham aos campos com seus arcos e suas flechas. Nós vamos, carregadas com uma criança que pendente de nossas mamas e outra que levamos numa cesta. Eles vão matar um pássaro, ou apanhar um peixe. Nós cavamos a terra, nós; e depois de termos suportado toda a fadiga do cultivo, suportamos toda a fadiga da colheita. Eles regressam à tarde sem nenhuma carga; nós, nós lhes trazemos raízes para a sua comida, e milho para a sua bebida. De retorno à sua casa, eles vão entreter-se com os amigos; nós, nós vamos procurar lenha e água para preparar-lhes a ceia. Terminam de comer, adormecem; nós, nós passamos quase a noite toda a moer o milho e a fazer-lhes a chicha, e qual é a recompensa de nossas vigílias? Eles bebem a chicha, embriagam-se; e quando estão bêbados, nos arrastam pelos cabelos e nos pisam com os pés. Ah!, padre, prouvesse a Deus que minha mãe me houvesse sufocado quando nasci. Tu sabes por ti mesmo se nossas queixas são justas. Isso que estou te dizendo, tu o vês todos os dias. Nossa maior desgraça, porém, tu não poderias conhecer. É triste para a pobre Índia servir o marido como uma escrava, nos campos prostrada de suores, e na habitação privada de repouso; mas é terrível vê-lo, ao cabo de vinte anos, tomar outra mulher mais jovem, que não tem nenhum juízo. Ele se lhe apegou. Ela nos bate, bate em nossos filhos, ela nos comanda, nos trata como servas; e ao menor murmúrio que nos escapa, um ramo de árvore levantado... Ah!, padre, como queres que suportemos tal estado? O que há de melhor a fazer para uma Índia, do que subtrair sua criança a uma servidão mil vezes pior do que a morte? Prouvesse a Deus, padre, eu te repito, que minha mãe me tivesse amado suficientemente para me enterrar quando nasci! Meu coração não teria tanto para sofrer, nem meus olhos tanto para chorar!"

Mulheres, como eu vos lastimo! Não há senão uma reparação para vossos males; e fosse eu legislador, talvez a terfeis obtido. Libertadas de toda servidão, serfeis sagradas em qualquer lugar onde aparecêsseis. Quando se escreve a respeito das mulheres, cumpre molhar a pena no arco-íris e jogar sobre a linha o pó das asas de borboleta; como o cãozinho do peregrino, cada vez que se sacode a pata, é preciso que dela tombem pérolas; e elas não tombam da do sr. Thomas. Não basta falar das mulheres, e de falar bem delas, sr. Thomas, fazei ainda com que eu as veja. Suspendei-as sob meus olhos, como outros tantos termômetros das menores vicissitudes dos costumes e das práticas. Fixai, com a maior justiça e imparcialidade que puderdes, as prerrogativas do homem e da mulher; mas não esquecei que, por falta de reflexão e de princípios, nada penetra até uma certa profundidade de convicção no entendimento das mulheres; que as idéias de justiça, de virtude, de vício, de bondade, de malignidade, nadam à superfície de sua alma; que elas conservaram o amor próprio e o interesse pessoal com toda a energia de natureza; e que, mais civilizadas que nós por fora, permaneceram verdadeiras selvagens por dentro, todas maquiavélicas, da maior à menor. O símbolo das mulheres em geral é o do Apocalipse, em cuja frente está escrito: "mistério". Onde há uma parede de bronze para nós, não há senão uma teia de aranha para elas. Alguém perguntou se as mulheres eram feitas para a amizade. Há mulheres que são homens, e homens que são mulheres; e confesso que nunca faria amigo meu um homem-mulher. Se possuímos mais razão que a mulher, ela possui mais instinto que nós. A única coisa que se lhes ensinou é usar bem a folha de figueira que receberam de sua primeira avoenga. Tudo o que se lhes disse e repetiu dezoito a dezenove anos seguidos reduz-se a isso: Minha filha, tomai cuidado com vossa folha de figueira; vossa folha de figueira vai bem, vossa folha de figueira vai mal. Em uma nação galante, a coisa menos sentida é o valor de uma declaração. O homem e a mulher vêm aí apenas uma troca de gozos. Entretanto, o que significa a frase tão levemente pronunciada, tão frivolamente interpretada: *Eu vos amo!* significa realmente: "Se quiserdes me sacrificar vossa inocência e vossos bons costumes; perder o respeito que dedicais a vós mesma, e que



Diderot, por Chardin (Museu Condé, Chantilly)

obtendes dos outros; andar com os olhos baixos na sociedade, ao menos até que, pelo hábito da libertinagem, tenhais adquirido o seu descaramento; renunciar a todo estado honesto; matar vossos pais de dor, e me conceder um momento de prazer, eu vos ficaria verdadeiramente agradecido". Mães, lede essas linhas a vossas filhas: é, em resumo, o comentário de todos os discursos lisonjeadores que hão de lhes ser dirigidos; e podeis preveni-las a este respeito desde muito cedo. Atribuiu-se tanto importância à galanteria, que parece não restar nenhuma virtude àquela que deu esse passo. É como a falsa devota e o mau sacerdote, em quem a incredulidade é quase o selo da depravação. Após haver cometido o grande crime, não podem sentir horror de nada. Enquanto nós lemos nos livros, elas lêem no grande livro do mundo. Por isso a ignorância delas as dispõe a receber prontamente a verdade, quando esta lhes é mostrada. Nenhuma autoridade as subjugou; ao passo que a verdade encontra à entrada de nossos crânios um Platão, um Aristóteles, um Epicuro, um Zenão, de sentinela, e armados de piques para repeli-la. Elas são raramente sistemáticas, sempre ficam ao ditado do momento. Thomas não diz uma palavra sobre as vantagens do convívio com as mulheres para um homem de letras; e é um ingrato. Como a alma das mulheres não é mais honesta do que a nossa, mas a decência não lhes permite explicar-se com a nossa franqueza, elas criaram para si uma ramagem delicada, por meio da qual se diz honestamente tudo o que se quer quando o assobio chama ao viveiro delas. Ou as mulheres se calam, ou muitas vezes têm o ar de não ousar dizer o que dizem. Percebe-se facilmente que Jean-Jacques perdeu muitos momentos aos joelhos das mulheres, e que Marmontel empregou muitos outros em seus braços. Suspeitar-se-ia de bom grado que Thomas e d'Alembert foram bem-comportados demais. Elas nos acostumam ainda a pôr graça e clareza nas matérias mais secas e mais espinhosas. A gente lhes dirige incessantemente a palavra; a gente quer ser ouvido por elas; teme fatigá-las ou entediá-las; e assume uma facilidade particular de exprimir-se, que passa da conversação ao estilo. Quando elas têm gênio, creio que a sua marca nelas é mais original do que em nós.